

---

# Contar histórias com livros infantis: caracterização da interação das díades mãe ouvinte/criança com deficiência auditiva e mãe/criança ouvintes

Lívia Silvestrini de Oliveira Chelucci\*  
Beatriz Caiuby Novaes\*\*

## Resumo

**Tema:** contar histórias infantis no processo terapêutico da criança portadora de deficiência auditiva. **Objetivo:** analisar o contar histórias infantis pela mãe de crianças com deficiência auditiva e de crianças ouvintes, a partir de livros de histórias. **Método:** transcrição de vídeo e análise da interação em dois momentos em que mãe conta história para seu filho. **Resultados:** pôde ser observado que cada mãe tem seu estilo para contar histórias. Os achados sugerem que as mães de crianças com deficiência auditiva dirigem mais frequentemente seus olhares para os filhos, no intuito de garantir o entendimento do material lido, além de repetirem palavras e expressões, por vezes antecipando possíveis incompreensões, subestimando muitas vezes o potencial de interlocução de seus filhos. **Conclusão:** a observação e a análise sistemática da situação de contar histórias infantis têm importantes implicações e contribuições para sua utilização no processo terapêutico.

**Palavras-chave:** deficiência auditiva; linguagem; fonoaudiologia.

## Abstract

**Background:** story telling in the therapeutic process of hearing-impaired children. **Aim:** Describe and discuss the interaction of mother and hearing impaired children during story telling with a book. **Method:** Two pairs of mother and child were videotaped during story telling situation. **Results:** Each mother demonstrated different styles when telling stories. The findings suggested that mothers of hearing-impaired children look more frequently at their children to confirm the understanding. They tend to repeat words and expressions, anticipating possible misunderstandings. Very often, they underestimated the child's interlocutory capabilities. **Conclusion:** Systematic observation of story telling situation has important implications in the therapeutic process.

**Key-words:** hearing impairment; language; speech pathology.

---

\* Mestre em Fonoaudiologia pela PUC-SP. Especialista em audiologia com ênfase em audiologia educacional pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. \*\* Doutora em Distúrbios da Comunicação – Columbia University EUA. Professora Titular da PUC-SP.

## Resumen

*Tema: contar historias infantiles en el proceso terapéutico del niño portador de deficiencia auditiva. Objetivo: analizar la actividad de contar historias infantiles por madres de niños con deficiencia auditiva y de niños oyentes, a partir de libros de historias. Método: Transcripción de video y análisis de la interacción en dos momentos en que la madre cuenta historias a su hijo. Resultados: se observó que cada madre tiene su estilo de contar historias. Los hallazgos sugieren que las madres de niños con deficiencia auditiva direccionan mas frecuentemente su mirada a los hijos para garantizar el entendimiento de lo leído, además repiten palabras y expresiones anticipando por veces posibles incomprendiones, subestimando muchas veces el potencial de interlocución de sus hijos. Conclusión: la observación y análisis sistemática de la situación de contar historias infantiles trae importante implicaciones y contribuciones para su utilización en el proceso terapéutico.*

**Palabras clave:** deficiencia auditiva; lenguaje; fonoaudiologia.

## Introdução

A terapia fonoaudiológica com bebês e crianças com deficiência auditiva focaliza o desenvolvimento de linguagem por meio da utilização máxima da audição residual, obtida por meio de dispositivos de amplificação sonora individual ou implantes cocleares. Em parceria com a família, o trabalho tem por objetivo transformar e multiplicar situações interacionais, diminuindo os prejuízos causados pela deficiência de audição.

O trabalho do fonoaudiólogo interfere em aspectos relativos à interação da criança no mundo que precisam muitas vezes ser adaptados devido ao uso de dispositivos eletrônicos. Visando o envolvimento da família no processo terapêutico, a escuta e a compreensão das relações entre seus membros possibilitam que o fonoaudiólogo intervenha apenas naquilo que for necessário a partir das características singulares da interação verbal da criança e de seus familiares.

Nessa perspectiva de trabalho, pensamos então em observar como as mães contam histórias a seus filhos com deficiência auditiva; isso porque o contar histórias, dentre outras consequências, leva ao aumento das oportunidades de interação e à vivência de vocabulário diversificado. Além disso, no caso da criança com deficiência auditiva, tal situação pode ocorrer em situação de silêncio, sem ruído competitivo, favorecendo a captação do som e a compreensão do que é dito.

Balieiro e Ficker (1997) afirmam que a alteração de linguagem do deficiente auditivo não deve ser vista apenas pelo prisma da privação sensorial, mas também pelo das oportunidades restritas de

interlocução. Também relatam que o momento terapêutico, a partir do pressuposto de que a aquisição de linguagem se dá na interação com o outro, deve privilegiar o reconhecimento, por parte dos pais, do potencial de interlocução de seu filho.

Bevilacqua e Formigoni (1997) reafirmam a preocupação com a detecção da deficiência auditiva e a intervenção nos primeiros anos de vida. Destacam as autoras a importância dos fatores ambientais no desenvolvimento de linguagem, destacando que aspectos como época do diagnóstico, adaptação do aparelho, início da terapia e envolvimento dos pais têm relação direta com o desenvolvimento de linguagem de crianças com deficiência auditiva. Nesse estudo, afirmam que o objetivo do processo terapêutico é levar a criança a construir e usar a linguagem oral de forma eficiente, possibilitando sua interação com o meio social, a partir da adaptação de um sistema de amplificação sonora que possibilitará o desenvolvimento das habilidades perceptivas, incorporando o som e a audição ao desenvolvimento geral.

Novaes e Balieiro (2004) descrevem o ciclo de interpretações no diálogo com a criança com deficiência auditiva, usuária de aparelho de amplificação. A identificação dos sons da fala já se configura como um primeiro desafio para a criança surda, e, dependendo das condições de ruído e distância do falante, alguns sons podem ser omitidos, comprometendo sua identificação e dificultando a atribuição de sentido àquela fala, particularmente nas etapas iniciais de aquisição de linguagem. Por outro lado, nesse período, a produção da criança pode não ser interpretável, comprometendo também a cadeia de significação. As transformações

necessárias para que a compreensão ocorra são imprevisíveis e dependem das possibilidades auditivas e de linguagem da criança. As autoras abordam aspectos como contexto linguístico, relações entre percepção e produção de fala, elementos que determinam a interpretação do sentido do que foi dito e os estranhamentos no diálogo com a criança; esses são, pois, aspectos que orientam o manejo da terapia fonoaudiológica. No atendimento de crianças pequenas, o trabalho com os pais no reconhecimento desses aspectos é, segundo as autoras, o eixo do processo terapêutico e contribui para a constituição de uma identidade de falante.

Perroni (1992) afirma que o discurso narrativo em crianças se desenvolve na interação com o adulto e representa, na experiência linguística oral, uma passagem obrigatória do diálogo para o monólogo.

A constituição do discurso narrativo ilumina, segundo Fernandes (1995), a questão da “interpenetração” das formas mais ou menos estáveis de enunciados, pertencentes a uma dada esfera de atividade humana, que se efetivam por meio de práticas predominantemente orais ou escritas. A autora relaciona a linguagem oral e a escrita, afirmando que não há como descrever uma prática interacional oral que não esteja impregnada por práticas escritas, e vice-versa; não há, pois, como desvincular uma da outra. De fato, o discurso narrativo oral mediado pelas histórias escritas/oralizadas mostrou-se, segundo a autora, um lugar privilegiado para a observação dos processos organizativos e reorganizativos do narrável e da conseqüente articulação das vozes.

Segundo Calil (1994), o letramento é um aspecto de interdiscurso, estando relacionado a um tipo de circulação de enunciados ou de universos discursivos. Enunciados ou um conjunto de enunciados são postos em funcionamento em determinadas práticas discursivas que determinam as possibilidades do dizer. O autor reflete sobre a necessidade de se considerar a fala como uma fala atravessada pelo discurso escrito, ou seja, aquilo que tem sido chamado de “fala letrada” seria o efeito desse atravessamento sobre o sujeito, efeito que o afeta e do qual não consegue escapar. O autor ainda afirma que também deve ser considerado o movimento inverso, no qual a oralidade marcaria esse discurso escrito.

Perrotta, Märtz e Masini (1995) afirmam que aqueles que se iniciam no mundo da escrita trazem um pensamento com marcas de oralidade, e letra,

sílaba e palavra são conceitos desconhecidos. As autoras ressaltam a importância da leitura de diversos livros para que as crianças entrem em contato com o discurso escrito. Consideram que é no diálogo constante do que cada um entende por leitura e escrita que poderão, com maior segurança, mergulhar no universo letrado.

Segundo Coelho (1993), os livros para crianças a partir de 3 até 6 anos devem ter predomínio absoluto da imagem, com textos brevíssimos, que podem ser lidos ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a criança comece a perceber a inter-relação existente entre o mundo real que a cerca e o mundo da palavra que nomeia esse real. As imagens devem sugerir uma situação, e a graça, o humor, certo clima de mistério ou expectativa são fatores essenciais.

Oliveira e Palo (1998) também discorrem sobre a narrativa e sobre o que lhe é necessário, lembrando que é a narrativa que instaura um processo de comunicação mínimo de alguém que narra (narrador) algo (intriga) para alguém (leitor). O modo como se estrutura essa relação significativa Narrador – Mensagem – Destinatário determina o eixo significativo da narrativa.

Também relatam o processo da narrativa e seus subsídios na literatura infantil. Nesta, o foco narrativo participa de duas naturezas – a verbal e a visual –, ambas tentando uma comunicação com a criança, a mais próxima e direta possível, recuperando a tradição de oralidade do “Era uma vez” dos contos de fadas, momento único de transferência da experiência do narrador àqueles que o ouvem. O discurso oral cria uma cena múltipla (verbal e não verbal) e inclusiva, na qual o que menos conta é o que se diz, já que tudo está no modo como se diz e, mais ainda, na tensão dialética entre o dito e o calado, entre aquilo que a fala articula e a gestualidade desarticula e nega.

## Objetivo

Analisar o contar histórias infantis, a partir de livros, pelas mães de crianças com deficiência auditiva e de crianças ouvintes, particularizando o fluxo de interpretações gerado nas interações das duplas.

## Método

O número do protocolo da aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da PUC-SP é 0108. As

mães participantes da pesquisa assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. No estudo original, participaram duas mães ouvintes e seus filhos deficientes auditivos e duas mães ouvintes e seus filhos ouvintes. Para este artigo, foram selecionadas duas duplas, sendo uma da mãe ouvinte e seu filho deficiente auditivo e a outra da mãe ouvinte e seu filho ouvinte. Foi escolhida, para esta pesquisa, uma criança com deficiência auditiva e sua mãe ouvinte engajada em programa de intervenção há pelo menos seis meses, cuja modalidade preferencial era oral com diferentes demandas de leitura oral facial (LOF).

A faixa etária escolhida foi de três anos até seis anos. Teríamos, assim, crianças que não soubessem ler e acompanhassem a história a partir do que ouvissem e olhassem nas figuras.

A filmagem da criança ouvinte foi realizada com a dupla Al (mãe) e com H (filho). Al tem 37 anos e H tem 4 anos, audição normal. H mora com

F (pai), mãe e irmã mais velha de 6 anos. Tanto Al como F têm formação universitária e trabalham. H está no Jardim I e fica na escola desde os 4m. Al refere contar histórias para H pelo menos uma vez por semana e costuma ler ou contar histórias antes de H dormir.

A filmagem da criança portadora de deficiência auditiva foi realizada com J (mãe) e com G (filha). G tem 4 anos e é portadora de perda auditiva sensorineural de grau profundo na orelha esquerda e grau moderado na orelha direita, cuja etiologia é rubéola materna no 3º mês de gestação (Figura 1 – audiometria tonal de G). G usa aparelho auditivo bilateralmente e faz terapia fonoaudiológica há dois anos. Estuda em escola para crianças com deficiência auditiva. G mora com J (mãe), que tem 27 anos, e com Ja (pai), que tem 27 anos. J (mãe) estudou até a 6ª série e Ja (pai) estudou até a 4ª série. J, quando questionada sobre o hábito de contar histórias, referiu que não costuma ler para a filha.

**Figura 1 – Audiometria tonal de G**

	250Hz	500Hz	1KHz	2KHz	4KHz
Campo sem aparelho	40dB	60dB	65dB	60dB	50dB
Campo com aparelho	30dB	40dB	25dB	30dB	25dB
SRT sem aparelho	70dB				
SRT com aparelho	40dB				

Foram realizadas duas filmagens com cada criança, na primeira, quanto ao material escolhido, optamos por trabalhar com um livro *Buá... Buá... O que será?* a fim de compararmos os estilos de contar histórias de diferentes mães, com um mesmo material. Este livro foi escolhido como sendo atraente para a faixa etária estudada, pois, segundo Coelho (1994), a criança nesta faixa etária prefere histórias com mínimo de texto, enredo reduzido e expressões repetidas.

Na segunda filmagem, quatro meses após a primeira, optamos por repetir a mesma história *Buá... Buá... o que será?* e incluímos uma segunda história da mesma coleção *Você sabe guardar segredo?*, visando obter mais dados na situação de contar história para termos mais elementos para análise do estilo da dupla não dependendo de um único livro.

Para as filmagens, utilizamos uma câmera de vídeo. Quanto ao procedimento, os pares (mãe e criança) foram gravados em fita de vídeo pelo tem-

po de duração da história. A instrução dada à mãe foi que contasse a história para o filho, utilizando o livro proposto. Os diálogos foram transcritos (verbalizações e ações), incluindo direção do olhar, toques, gestos e sinais, tanto apresentados pela mãe, quanto pela criança.

A partir das leituras dos trabalhos de Neri (2000) e Bigueti (1998), que utilizaram a análise de vídeo, modificamos esta análise e criamos uma outra, de forma que pudéssemos manter a sincronia da análise para ficar clara a dinâmica da interlocução no processo de contar histórias infantis de cada dupla. Neste estudo, foi utilizada a gravação em vídeo como método para análise do material coletado devido à precisão do registro, controle do mesmo e por ser um procedimento natural que registra a criança de maneira espontânea e não invasiva. Foi realizada uma análise qualitativa do estilo de contar história da mãe para seu filho, e o protocolo elaborado para análise de vídeo se encontra em anexo.

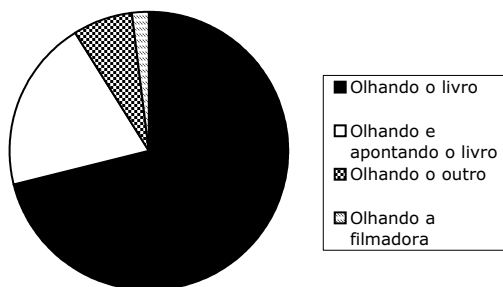
## Resultado e discussão

São apresentados gráficos da direção de olhares referentes a alguns dos momentos filmados para contribuir na discussão posterior.

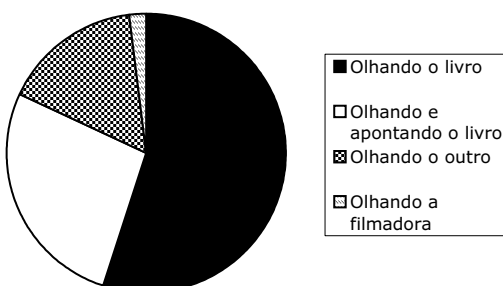
### 1 – Dupla Ouvinte AL/H

**Figura 2 – Gráfico demonstrativo da direção do olhar da dupla AL/H – 1º encontro**

1 Dupla AL/H (criança)



2 Dupla AL/H (mãe)



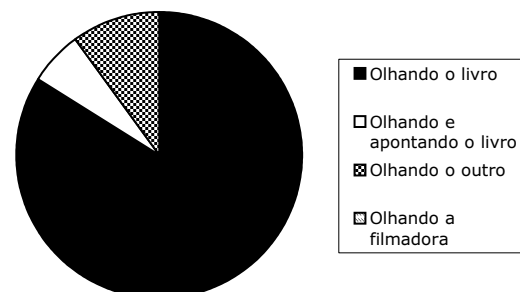
Livro: *Buá Buá o que será?* (1 e 2)

Na primeira filmagem, a dupla criança ouvinte e mãe ouvinte olharam-se pouco (7% do tempo, a criança olhou para a mãe, e 16% do tempo, a mãe olhou para a criança), e a compreensão e a manutenção de atenção deram-se pela interação oral, pois passaram a maior parte do tempo olhando para o livro (71% do tempo, a criança olhou para o livro, e 55% do tempo, a mãe olhou para o livro).

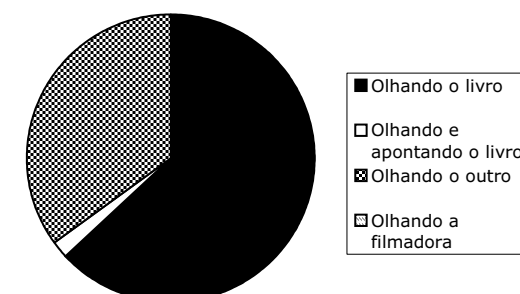
Na segunda filmagem, a criança ouvinte olhou pouco para sua mãe, mas a mãe ouvinte olhou mais para o filho (10% do tempo, a criança olhou para a mãe, e 35% do tempo a mãe olhou para a criança), e o entendimento e a manutenção de atenção deram-se pela interação oral, pois passaram a maior

**Figura 3 – Gráfico demonstrativo da direção do olhar da dupla AL/H – 2º encontro**

1 Dupla AL/H (criança)



2 Dupla AL/H (mãe)



Livro: *Buá Buá o que será?* (1 e 2)

parte do tempo olhando para o livro (84% do tempo, a criança olhou para o livro, e 63% do tempo a mãe olhou para o livro).

### 2 – Dupla – J/G (criança portadora de deficiência auditiva)

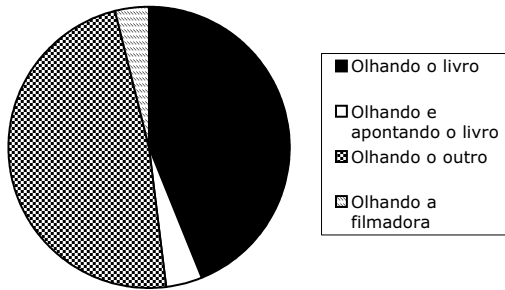
A interação também foi inicialmente discutida a partir dos gráficos de direção de olhares.

A proporção de direção de olhar é uma das principais evidências das diferenças interacionais das duplas. Nos gráficos acima, percebemos que a mãe e a criança passam a maior parte do tempo olhando uma para a outra (a criança olha para a mãe em 48% do tempo e a mãe olha para a criança 52% do tempo).

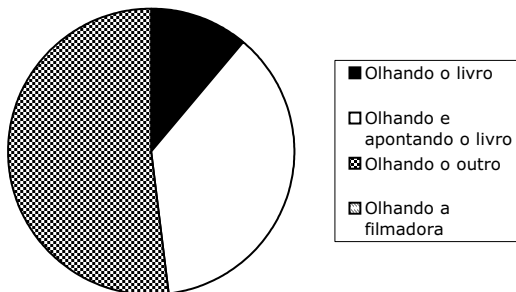
Na segunda filmagem, percebemos que a mãe e a criança também passam a maior parte do tempo olhando uma para a outra (a criança olha para a mãe em 49% do tempo e a mãe olha para a criança 46% do tempo).

**Figura 4 – Gráfico demonstrativo da direção do olhar da dupla J/G – 1º encontro**

1 Dupla J/G (criança)

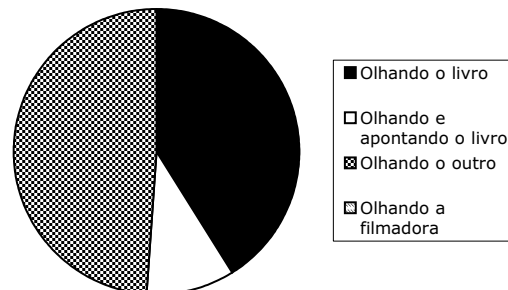


2 Dupla J/G (mãe)

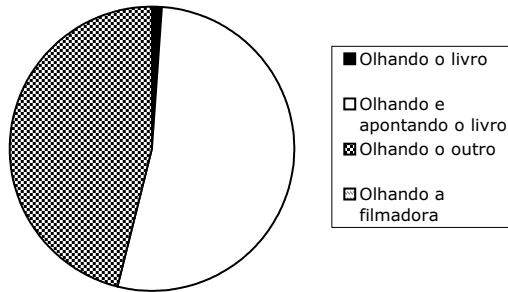

 Livro: *Buá Buá o que será?* (1 e 2)

**Figura 5 – Gráfico demonstrativo da direção do olhar da dupla J/G – 2º encontro**

1 Dupla J/G (criança)



2 Dupla J/G (mãe)


 Livro: *Buá Buá o que será?* (1 e 2)

A situação de contar histórias propiciou a caracterização de diferentes estilos nas duas duplas estudadas. Particularidades da interação de cada dupla criança ouvinte ou com deficiência auditiva são aqui discutidas a partir de aspectos recorrentes que caracterizam a singularidade de cada dupla. Estes são: interação mãe/criança (entendida aqui como atribuição de sentido à ação/não ação de um em sintonia com o outro), entonação (como recurso de chamar ou manter a atenção do outro), repetição (usada para esclarecimento ou manutenção do interesse), utilização dos recursos visuais associados ao verbal, adaptação do texto escrito para o oral, utilização de gestos associados à verbalização e implicações na terapia fonoaudiológica.

Na dupla mãe ouvinte e criança ouvinte, o predomínio é dos olhares voltados para o livro, tanto da mãe quanto da criança, o que parece indicar que a verbalização da mãe e o livro dão conta de manter a atenção e o envolvimento na história. Na dupla ouvinte, a interação se estabelece uma vez que mãe e criança fazem apreciações e interpelações durante a narração; nos momentos em que a criança questiona a mãe, esta procura sempre esclare-

cer. Ao buscarem esclarecimento, mãe e filho demonstram participar da narração, o que vem ao encontro da afirmação de Coelho (1994) sobre o contar histórias. A autora relata que a ação se desenvolve, e ambos participam dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens, mas sem perder o senso crítico que é estimulado pelos enredos. Acrescenta que o narrador deve estar consciente de que o importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu, emprestando vivacidade à narrativa, cuidando de ler o texto para recriá-lo na linguagem oral, sem as imposições da escrita.

Abaixo serão exibidos trechos da interação, sendo os códigos utilizados esclarecidos no protocolo em anexo (diálogos 2 e 11, dupla AI/H – 2º encontro – Livro: *Buá Buá o que será?*).

O que será? \_\_\_\_\_  
 2. **(negrito)** NÃO SEI  
 Da outra história né \_\_\_\_\_  
 11. (N/S) \_\_\_\_\_ **O PINGO DE FLOR**  
**TAMBÉM**

A criança procura sempre responder às perguntas que a mãe faz, ou então, se a mãe faz uma apre-



ciação, faz comentários sobre a história ou as figuras da história. Nestes exemplos, percebemos como a criança se envolve no que a mãe propõe, ambas integrando o processo de narração.

Devido às colocações da criança (diálogos 18, 19, 20 e 21, dupla AI/H – 1º encontro – Livro: *Buá Buá o que será?*), mesmo quando estas não são solicitadas pela narradora, mãe, percebemos o quanto aquele que ouve pode intervir na narração ou na forma como a narração é feita. Segundo Brito (2000), uma forma de interação entre as pessoas que gera a possibilidade de interlocução é o processo de contar histórias. O autor refere que uma mesma história pode gerar muitas narrativas diferentes, dependendo do momento em que se narra e da força que a linguagem tem como possibilidade de deslocar o sujeito. Por meio da história, notamos que mãe e filho entram no processo de interlocução gerando questionamentos do filho para aquele momento da narrativa da mãe, percebemos que a criança está envolvida com a história.

- A lagarta chorava *buá buá* \_\_\_\_\_  
 18. \_\_\_\_\_ (negrito) ONDE ESTÁ?  
ONDE ESTÁ?  
 Está aqui! \_\_\_\_\_ (sublinhado)  
 19. NÃO É NÃO, NÃO ESTÁ CHORANDO!  
**Não aparece ela chorando aqui né!** (5)  
 (eleva os ombros)  
 20. \_\_\_\_\_ (negrito)  
Mas aqui está dizendo que ela está chorando  
 21. \_\_\_\_\_ (negrito)

Nos diálogos 18, 19, 20 e 21, em nenhum momento, a dupla trocou olhares, permanecendo cada qual com o olhar voltado para o livro. Por vezes, a mãe apontava e estabelecia negociações diante das dúvidas apresentadas pelo filho.

No segmento da dupla AI/H (criança ouvinte), descrito a seguir, a criança faz algumas descobertas ao longo da história. Isto acontece, pois a criança demonstra estranhamento quanto à figura do final da história, que mostra as borboletas como pais da lagarta, e a mãe elucida o estranhamento explicando que a lagarta vira borboleta. Segundo Brito (2000), quando se conta uma história quer-se compartilhar com outras pessoas algumas situações ou vivências, com o intuito de revelar um sentido qualquer (diálogos 36, 37, 38 e 39, dupla AI/H – 2º encontro – Livro: *Buá Buá o que será?*).

**Esta lagarta só quer papai só quer mamãe**

36. \_\_\_\_\_ (negrito) \_\_\_\_\_  
 (N/S) \_\_\_\_\_ É

37. SÃO BORBOLETAS

**As lagartas não viram borboletas?**

38. \_\_\_\_\_ (negrito) \_\_\_\_\_ (13)

(criança balança a cabeça dizendo sim)

**As borboletas são papai e mamãe da lagarta**

39. \_\_\_\_\_ (negrito) \_\_\_\_\_

Quanto à *entonação*, na dupla AI/H (criança ouvinte) a mãe faz uso de alterações entoacionais marcadas por ritmo na composição silábica e alteração na velocidade, seja nas perguntas que faz para a criança, seja nas frases que lê no livro (diálogos 3 e 5, dupla AI/H – 2º encontro – Livro: *Buá Buá o que será?*). A variação da entonação parece manter a atenção da criança na história e faz com que ela, por vezes, espelhe a mãe na entonação. Encontramos na literatura Coelho B. (1994), que afirma que os momentos de emoção da história são transmitidos pela voz, principal instrumento do narrador e este tem de se expressar numa voz definida, inconfundível, tem de saber modulá-la de acordo com o que está contando. A sucessão de episódios, os conflitos que surgem e a ação dos personagens formam o enredo. Esses episódios devem ser apresentados numa sequência bem ordenada, mantendo-se a expectativa até alcançar o clímax. As variações de voz do contador, com breves e oportunas pausas, preparam o momento culminante da história. Percebemos que a mãe da criança ouvinte procura fazer uso desses recursos como a modulação da voz e o clímax por meio de pausas criando expectativa quanto ao que iria acontecer.

**E até roncava *acorda acorda* dizia pingo de sol**

3. \_\_\_\_\_ (negrito) \_\_\_\_\_

*Você sabe guardar segredo?*

5. \_\_\_\_\_ (negrito) \_\_\_\_\_

Na dupla de mãe e criança ouvinte, praticamente não ocorrem *repetições*, além das presentes na história, a mãe apenas repete com graça e humor o choro da lagarta que está presente na leitura da história. Percebemos que as repetições existentes no texto são suficientes para entreter a criança, não sendo necessário o aumento das mesmas para manter o interesse, o que vai ao encontro da literatura. Segundo Coelho (1993), a repetição é uma das técnicas mais exploradas na literatura popular infantil, tanto no discurso, como na estrutura nar-

rativa, pois a técnica de repetição ou reiteração de elementos é das mais favoráveis para manter a atenção e o interesse do leitor.

No aspecto da utilização dos *recursos visuais*, a mãe da criança ouvinte, dupla AI/H, não se preocupa em apontar as figuras do livro, talvez porque o filho acompanhe a história olhando para o livro, pois este parece buscar a ilustração daquilo que ouve no livro. Por vezes, a mãe aponta os livros, mas de forma menos marcante que a mãe da criança com deficiência auditiva.

Quanto à *adaptação do texto escrito para o oral*, na dupla AI/H, (ouvinte), a mãe procura manter o mistério na narração, preparando seu início com mudanças de entonação. Esta adaptação que a mãe faz nos remete a Coelho (1994), que descreve a importância da adaptação verbal das histórias. Nem toda história vem do livro pronta para ser contada. A linguagem escrita, por mais simples e acessível, está sujeita a adaptação verbal que facilite sua compreensão e a torne mais dinâmica, mais comunicativa. Os recursos onomatopaicos contribuem para tornar a história mais interessante.

Na dupla AI/H (criança ouvinte), o mistério é estabelecido por meio da mudança de entonação, de questões que a mãe faz e de repetições propostas pelo livro. Oliveira e Palo (1998) relatam que o discurso oral cria uma cena múltipla (verbal e não verbal) e inclusiva, na qual o que menos conta é o que se diz, já que tudo está no modo como se diz. Também descrevem a importância dos esquemas de oralidade utilizados na articulação da narrativa do discurso alegórico – diminutivos, aumentativos, interjeições, onomatopéias, repetições de certas expressões, comparações com termos comuns ao universo infantil – para, sob a forma de diálogos diretos e indiretos, colocar um conceito mais geral e abstrato para a criança (diálogos 8, 9, 15 e 16, dupla AI/H – 2º encontro – Livro: *Buá Buá o que será?*).

**A lagarta comeu comeu, *mas depois...***

**8. O QUE SERÁ QUE ACONTECEU?**

**O que será que aconteceu?**

9. \_\_\_\_\_

**A lagarta dormiu, dormiu, dormiu**

15. \_\_\_\_\_ **E ABRIU OS**

**OLHOS.**

**E depois...**

16. **ABRIU OS OLHOS.**

A *utilização de gestos associados à verbalização*, na dupla AI/H (criança ouvinte), quase não aparece, provavelmente devido ao conhecimento da mãe da compreensão oral de seu filho e de sua possibilidade de pedir esclarecimentos.

Quanto à dupla J/G (criança com deficiência auditiva), a criança mantém seus olhares entre a mãe e o livro, praticamente dividindo entre um e outro, o que se justifica pelo fato de a criança necessitar da leitura orofacial para compreender a fala da mãe.

Quanto à mãe, percebemos que, assim como a filha, também mantém dividido o foco de seu olhar entre a filha e o livro, e, nos momentos em que se volta para o livro, procura apontá-lo. Parece-nos que, desta forma, mantém a atenção da criança. Houve a preocupação da mãe em manter a atenção da filha sempre com algo além do verbal para garantir seu entendimento, seja pela leitura orofacial ou pelo acompanhamento das figuras.

Na incerteza de que a filha está acompanhando a história, a mãe usa alguns comportamentos diferentes (buscar o olhar, apontar, repetir) da mãe da criança ouvinte, que visa à confirmação de que a criança esteja entendendo só com a verbalização. Algumas vezes, identificamos a demanda de esclarecimento da filha; outras vezes, a mãe parece estar antecipando uma possível dificuldade. A mãe busca manter a atenção da filha através do olhar, apontando figuras e utilizando inúmeras repetições.

Quanto à *entonação*, diferentemente do caso apresentado do ouvinte no qual a variação de entonação aparece, para o caso da dupla J/G (portador de deficiência auditiva), praticamente não há variação do timbre vocal nos momentos de narração. Talvez a mãe subestimasse a capacidade de sua filha para perceber as diferenças de vozes que aparecem como sendo um rico instrumento para manter a atenção da criança para a história. Independentemente do momento e da história filmada e diferentemente da dupla com a criança ouvinte, não houve variação da entonação quanto ao ritmo e velocidade.

Quanto ao aspecto *repetição*, na dupla J/G (criança com deficiência auditiva), ocorrem repetições além das inseridas na história. As repetições aparecem em grande número nesta dupla. Na primeira filmagem, a mãe faz muitas repetições, o que torna a leitura mais longa que na outra dupla. A mãe repete sem que haja o questionamento da filha, antecipa qualquer dúvida, não permitindo que haja o estranhamento para seu posterior questiona-



mento. Acreditamos que as expressões repetidas das histórias são interessantes, conforme apontado por Coelho (1994), mas nos parece que as repetições das frases a todo o momento parecem levar ao desinteresse. Uma ação da criança que levasse à necessidade de repetição poderia ser aguardada. É bastante comum que as mães de crianças com deficiência auditiva antecipem uma dificuldade de entendimento e adaptem sua narrativa. No caso do contar histórias, isso poderia comprometer o fluxo da narrativa no contar da história, tornando-o mais longo e cansativo. Salientamos que a repetição pode ser adequada, dependendo da demanda da criança, desde que a mãe esteja atenta para estas necessidades (diálogos 14, 15, 16, 17, 18 e 19, dupla J/G, criança com deficiência auditiva) – 1º encontro – Livro: *Buá Buá o que será?*).

A lagarta comeu

14. \_\_\_\_\_ (**negrito**) \_\_\_\_\_

Ela comeu comeu comeu (28) (mãe faz gesto de mão para a boca)

15. (N/S) (**negrito**) \_\_\_\_\_ (13) (criança balança a cabeça dizendo sim)

Mas depois...

16. (**negrito**) (13) (criança balança a cabeça dizendo sim)

Depois (29) (mãe faz gesto de depois com mãos)

17. (**negrito**) \_\_\_\_\_ (13) (criança balança a cabeça dizendo sim)

Ó a lagarta chorava

18. \_\_\_\_\_ (**negrito**) \_\_\_\_\_

A lagarta chorava Bua Bua (14) (mãe finge chorar)

19. (N/S) \_\_\_\_\_ (13) (criança balança a cabeça dizendo sim)

Parece que, na tentativa de manter a sintonia com as repetições, a mãe por vezes exagera, ultrapassando a necessidade da filha que, em alguns momentos, dispersa e em outros pede para que vá mais depressa. (Nos diálogos 33, 34, 35 e 36, dupla J/G do 2º encontro – Livro: *Você sabe guardar segredo?*, a mãe não faz repetições das frases após a criança pedir para ir mais depressa.)

**Indo embora**

33. **VAMO VAMO**

Logo logo o pingo de flor

34. \_\_\_\_\_ (**negrito**) \_\_\_\_\_

Foi procurar o pingo de céu e perguntou

35. \_\_\_\_\_ (**negrito**) \_\_\_\_\_

Pingo de céu você sabe guardar **segredo**

36. \_\_\_\_\_ (**negrito**) \_\_\_\_\_ (N/S)

Percebemos que a mãe procura mudar seu modo de narrar demonstrando comportamento diferente (menos repetições) no decorrer das narrativas. Brito (2000) relata que o ato de narrar nunca se repete da mesma maneira, uma vez que sempre um novo elemento se faz presente. Desta forma, é muito difícil contar a mesma história exatamente da mesma maneira. As pessoas sequer conseguem repetir o mesmo timbre vocal. Uma mesma história pode gerar muitas narrativas diferentes, dependendo do momento em que se narra e da força que a linguagem tem como possibilidade de deslocar o sujeito. Na segunda gravação, a situação parecia mais tranqüila. O número de repetições foi pequeno, talvez pelo fato de a dupla já conhecer a pesquisadora e o livro ser familiar. A mãe procurou repetir para melhorar o entendimento da filha e manter a sintonia da narração.

Quanto ao aspecto *recursos visuais*, na dupla J/G (criança com deficiência auditiva) houve a preocupação da mãe quanto a manter a atenção da criança voltada para o livro utilizando os recursos visuais, uma vez que a mãe, ao olhar o livro, procurava apontá-lo. Coelho (1994) relata que, como recurso técnico, gravuras são muito importantes para as crianças pequenas, pois permitem a observação de detalhes e contribuem para a organização de seu pensamento. Isso lhes facilitará mais tarde a identificação da idéia central, dos fatos primários e secundários.

Além de olhar e apontar o livro, por vezes a mãe associa o gesto de apontar com a verbalização. A mãe, como narradora, consegue manter a atenção da criança, utilizando-se do recurso da elipse, que nada mais é do que a verbalização associada ao gesto de mostrar algo; este recurso é citado por Maingueneau (2002) como o momento em que um objeto está presente no ambiente associado a expressões como “você viu?”. O gesto é utilizado como uma marca da narração em que aquele que conta e aquele que ouve se encontram no mesmo ambiente (diálogo 23, dupla J/G – 2º encontro – Livro: *Buá Buá o que será?*). No caso da criança com deficiência auditiva, parece ser uma necessidade da mãe confirmar o entendimento para continuar a leitura.

**Ta vendo ó chorava Buá Buá Buá**

23. (N/S) (**Negrito**) (N/S) \_\_\_\_\_

Quanto à adaptação do texto escrito para o oral, na dupla J/G (criança com deficiência auditiva),



güístico. Também sofre a influência da situação de interação nos momentos que requerem a comunicação. A autora fala sobre a comunicação oral da criança, na qual a fala da criança é acompanhada por comportamentos não verbais que auxiliam neste processo, pois estes dão informações adicionais sobre aquele que fala: o olhar, o sorriso, o contato físico, a mímica facial, os gestos e outros.

A mãe J, analisada neste trabalho, procura garantir a compreensão de sua filha G (criança com deficiência auditiva), mas, ao mesmo tempo, pode acabar inibindo eventuais intervenções da criança, pois confirma e repete sem saber se houve entendimento ou não, havendo pouca possibilidade de es-  
tranhamento e questionamento da criança.

Esses aspectos poderiam ser trabalhados com esta mãe em terapia, pois, desta forma, estaríamos colocando aquilo que é particular dessa relação e a mãe estaria mais próxima do trabalho terapêutico.

No caso da dupla J/G (criança com deficiência auditiva), seria importante trabalhar a importância da entonação e do silêncio após algum questionamento, para que a criança se coloque, e também trabalhar a importância de ir além do que está escrito, podendo transformar o texto para torná-lo mais interessante, estabelecendo o mistério e o suspense, em vez de simplesmente repetir as frases a todo o momento. Em Bevilacqua (1985), encontramos a importância do trabalho com a família, uma vez que a criança tem como ambiente de vida a família; portanto, são de extrema importância o papel dos pais e a forma como eles compreendem o trabalho a ser realizado com o seu filho. A família é o agente que modifica a realidade da criança, e o terapeuta é o apoio neste processo. Novaes e Balieiro (2004) afirmam que o processo terapêutico da criança com deficiência auditiva deve levar em conta os aspectos afetivos e emocionais inerentes ao encontro entre família e criança, terapeuta e criança, determinantes para que o adulto possa inserir a criança na linguagem, assumindo o papel de intérprete na situação discursiva.

Além desses aspectos, a leitura também tem implicações importantes quanto à aquisição de vocabulário. Balieiro e Ficker (1997) observaram jovens com deficiência auditiva utilizando-se de expressões que seguramente só puderam ser apreendidas a partir do texto escrito e relatam que é a partir da leitura que muitas crianças com deficiência auditiva conseguem alcançar níveis maiores de conhecimento da própria língua.

## Considerações finais

A situação de contar histórias infantis, sendo compartilhada entre mãe e filho, mostrou que a inserção dessa prática discursiva no trabalho com o deficiente auditivo pode trazer a nós, fonoaudiólogos, ganhos e clarear o nosso entendimento sobre a relação dessa dupla, mãe e filho com deficiência auditiva. Nos casos estudados, cada mãe demonstrou diferentes estilos na situação de contar histórias com livros infantis. Essas diferenças pareceram estar relacionadas à maneira como as mães interpretaram as ações da criança para certificar-se da manutenção do interesse pela história, utilizando diferentes recursos que visavam ao entendimento da mesma. As modificações e intervenções em cada dupla dependeram da situação e do livro proposto, ficando evidente a preocupação da mãe da criança com deficiência auditiva e o esforço de compensação de eventuais dificuldades de compreensão.

A mãe da criança com deficiência auditiva nem sempre aguardava indícios de dificuldades de entendimento da história, antecipando esclarecimentos, muitas vezes subestimando o potencial de interlocução da criança. A mãe da criança ouvinte parecia mais familiarizada com a capacidade de entendimento da história pelo filho, o que gerou uma situação mais tranquila, sem tanta necessidade de conferir e atualizar a compreensão do texto.

Dentre os recursos utilizados pela mãe de criança com deficiência auditiva para garantir o entendimento, a direção do olhar – para o livro ou para a criança – e as repetições foram os mais frequentes. Ao contrário da mãe ouvinte, a mãe da dupla de criança com deficiência auditiva não utilizou a mudança de entonação quanto ao ritmo e velocidade para gerar suspense ou anunciar uma mudança de página.

A familiaridade com o livro – característica da segunda gravação – parece ter tranquilizado a mãe da criança com deficiência auditiva quanto à compreensão da história pela criança: o número de repetições diminuiu, e o interesse pela história foi mais facilmente mantido. O hábito de contar histórias no cotidiano pode auxiliar no refinamento da percepção da mãe quanto à criança como interlocutor.

No processo terapêutico, as orientações para as mães de crianças deficientes auditivas visam evidenciar as ações da criança que refletem seu entendimento do que foi dito. É no reconhecimento das



ações da criança que a mãe poderá fazer ajustes nas estratégias utilizadas para a compreensão e na manutenção do interesse da criança pelo livro.

A observação e a análise da situação de contar histórias trazem à tona particularidades da interação de cada dupla e facilitam o processo terapêutico no sentido de evidenciar eventuais ajustes na percepção que os pais têm de seus filhos como interlocutores.

## Referências

- Balieiro C, Ficker LB. Reabilitação aural: a clínica fonoaudiológica e o deficiente auditivo. In: Lopes Filho OC, organizador. Tratado de fonoaudiologia. São Paulo: Roca; 1997. p.311-25.
- Bevilacqua MC. Compreensão de mães das orientações ministradas em um programa de audiologia voltado para a educação de crianças deficientes auditivas [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1985.
- Bevilacqua MC, Formigoni GMP. Audiologia educacional: uma opção terapêutica para a criança deficiente auditiva. Carapicuíba, SP: Pró-Fono; 1997.
- Bigueti FV. Análise de vídeo: um procedimento de avaliação do comportamento pré-verbal para crianças deficientes auditivas usuárias de implante coclear [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1998.
- Brito CA. Re-significando o uso do conto de fadas na clínica com crianças: do símbolo ao significante [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.
- Calil E. O discurso e o sócio-histórico na noção de letramento. *Temas Psicol* 1994;2:89-96.
- Coelho BN. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Ática; 1993.
- Coelho B. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática; 1994.
- Fernandes MTOS. Desenvolvimento do discurso narrativo: a emergência das diferentes vozes [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1995.
- Ficker LB. Alguns aspectos da comunicação entre mães ouvintes e crianças deficientes auditivas [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1983.
- Maingueneau D. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez; 2002.
- Neri DM. O processo terapêutico de uma criança deficiente auditiva: uma possível articulação entre a teoria e prática fonoaudiológica [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.
- Novaes BC, Balieiro CR. Terapia fonoaudiológica da criança surda. In: Lopes Filho OC, organizador. Tratado de fonoaudiologia. São Paulo: Roca; 2004.
- Oliveira MRD, Palo MJ. Literatura infantil: voz de criança. 3.ed. São Paulo: Ática; 1998.
- Perroni MC. Desenvolvimento do discurso narrativo. São Paulo: Martins Fontes; 1992.
- Perrota C, Märtz LW, Masini L. Histórias de contar e de escrever: a linguagem no cotidiano. São Paulo: Summus; 1995.
- Pollack D, Goldberg D, Caleffe-Schenck N. Educational audiology for the limited-hearing infant and preschooler: na auditory verbal program. Springfield: Charles C Thomas; 1997.

**Recebido em** março/04; **aprovado em** abril/05.

### **Endereço para correspondência**

Livia Silvestrini de Oliveira Chelucci  
Rua Vilela Nº 750, apt. 103, Perdizes, São Paulo  
CEP 03314-000

**E-mail:** [livia.so@ig.com.br](mailto:livia.so@ig.com.br)



## Anexo 1

### Protocolo de análise dos comportamentos mãe/criança

O método empregado na transcrição envolveu códigos com fontes, itálico, negrito e sublinhado, que representavam diferentes características dos enunciados. Para identificarmos mãe e criança, optamos por manter a mãe sempre na primeira linha do diálogo e a criança na segunda linha do diálogo, sendo que a fala da criança é transcrita em caixa alta e, no momento em que não há verbalização, é colocada uma linha com a característica da direção do seu olhar.

#### 1) Identificação do falante:

Mãe: Fonte Arial – Normal – Olha a lágrima do olho dela

Criança: Fonte Arial – Caixa Alta – \_\_\_\_\_ É QUE MAIS

Observação: quando não há verbalização representamos com uma linha.

#### 2) Direção do olhar:

Sublinhado normal: Mãe olhando e apontando o livro.

Sublinhado caixa alta: CRIANÇA OLHANDO E APONTANDO O LIVRO.

**Negrito normal**: Mãe olhando o livro.

**Negrito caixa alta**: CRIANÇA OLHANDO O LIVRO.

**Negrito e sublinhado normal (N/S)**: Mãe olhando a criança.

**Negrito e sublinhado caixa alta (N/S)**: CRIANÇA OLHANDO A MÃE.

Cor cinza normal: Mãe olhando a filmadora

Cor cinza caixa alta: CRIANÇA OLHANDO A FILMADORA.

Além de caracterizar a direção do olhar, foi feita uma contagem por segmento de mudança da direção de olhar. Isto para obtermos o número das direções de olhares de cada um separadamente (mãe e filho) nas duplas analisadas.

**Deu para ela um pé de alface** (para a mãe contamos 1 negrito e 1 negrito sublinhado)

7. **\_(negrito)\_\_\_\_\_ É** (para a criança contamos 2 negritos)

Num mesmo segmento, nos casos em que a mãe apresenta dois segmentos diferentes, enquanto a criança apresenta apenas um, contamos duas vezes a direção do olhar que a criança teve, enquanto a mãe apresentou duas direções de olhares diferentes, para que houvesse equivalência.

#### 3) Mudança de entonação:

No momento em que mãe ou criança mudam a entonação de sua fala, esta passa a ser transcrita com as características apresentadas acima e em itálico.

**Uma lagarta chorava *Buá Buá Buá***

**\_(negrito)\_\_\_\_\_ (N/S)\_\_\_\_\_ É É**

#### 4) Mudança de expressão facial ou gesto:

Quando a mãe ou a criança mudam a expressão facial ou fazem algum gesto, colocamos uma numeração ao lado do diálogo e a representação desses atos em uma legenda numerada em um quadro abaixo da transcrição.

E levou a lagarta para passear (10)

**\_(negrito)\_\_\_\_\_ (1)**

(10) mãe segura a página.

(1) criança tenta mudar de página

Cada um desses quatro aspectos foi descrito para cada par visando caracterizar tanto a interação verbal quanto a estratégias de manutenção de atenção, utilização de leitura orofacial, repetições, variações de entonação e os respectivos efeitos.